

# BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

MAIO DE 1959

N.º 5



# BLUMENAU em CADERNOS

Tomo II

MAIO DE 1959

N.º 5

## Fragmentos da História de Rio do Sul

Victor LUCAS

O presente trabalho foi escrito, em 1950, para figurar no "Livro do Centenário de Blumenau".

Entretanto, por lhe ter vindo, demasiado tarde, a solicitação, o autor não pôde fazê-lo chegar em tempo, às mãos da respectiva comissão. Sendo, porém, o assunto de incontestável interesse para os estudiosos do passado da nossa terra, resolvemos encaminhá-lo, a pedido do sr. Ferreira da Silva, para publicação em "Blumenau em Cadernos".

Atendendo a um pedido de nobre, quão bondoso amigo, ligado à comissão dos festejos do primeiro centenário da fundação de Blumenau, recebi o honroso, mas também espinhoso encargo de escrever alguma cousa sobre Rio do Sul e sua história, em homenagem a velhos riosulenses que vieram para estas plagas, em época já bem remota. Falo da época remota, menos no sentido do tempo que nos separa da mesma, que no sentido do desenvolvimento vertiginoso, quase inacreditável, desta região, principalmente para aqueles que aqui começaram a civilização. Alguns ainda vivem e se movimentam em nosso meio. São pessoas veneráveis pela sua idade e por tudo que fizeram, direta e indiretamente, para lançar os alicerces econômicos e sociais desta vasta região catarinense, que se estende ao longo do rios Itajaí do Sul e do Oeste e se situa entre a Serra do Mar e a Serra Geral. A idéia desse meu amigo é louvável sob todos os pontos de vista, pois, constituirá efetivamente uma tentativa, e disso certamente não pas-

sará, de firmar e fixar acontecimentos, fatos e nomes ligados ao desenvolvimento do nosso Vale do Itajaí e, especialmente, de Rio do Sul, minha terra, município que está entrando na vida econômica de Santa Catarina como um fator preponderante, ombreando honrosamente com os maiores centros industriais do nosso Estado, embora o mesmo não contar mais que alguns lustros, tomando-o como Comarca autônoma. Esta tentativa, porém, tendo a minha modesta e deslustrada pessoa como seu intérprete, dá-nos uma demonstração perfeita até que ponto Rio do Sul está desligado de sua história. Falar, mesmo, de história de Rio do Sul, seria adiantar-se aos fatos, pois, esta história, como já frizei, que é desconhecida de quase todos, vive apenas na memória de alguns poucos velhos riosulenses que certamente, em vão, tentam concatenar dados ou datas para firmá-la ou trazê-la à lume. Será, assim, minha crônica, em si incompleta e, talvez, também descolorida, mais uma demonstração de boa vontade, que o resultado de

estudos aprofundados de acontecimentos que antecederam à colonização de Rio do Sul e que, inequivelmente, teriam o seu valor inconfundível na determinação exata de datas e acontecimentos. Sei, perfeitamente, que não passo de um croniqueiro vulgar, que escreve mais por lazer que por vocação ou preparo, mas também é verdade, e infelizmente, que até a presente data não se encontrou entre os homens cultos e intelectuais, filhos ou não de Rio do Sul, alguém que tomasse a peito esta tarefa.

O trabalho, em si, seria um dos mais gratos, pois, colocaria em posição de destaque essa obra, já que hoje, como sempre, é ainda o passado que nos aponta diretrizes, sendo como é e sempre será, a fonte de onde haurimos o nosso saber e de onde colhemos a nossa experiência. Servirá, também, para inflar o nosso peito de ânimo, quando vemos periclitar o resultado de nossos esforços ou quando não somos compreendidos em nossos intentos, pois, é justamente, lá do passado, que ressurgem vultos que bem nos dão um exemplo do quanto pode a tenacidade, a temeridade e a clareza de propósitos. Elementos os houve e os há, por certo, que teriam estado em condições de transmitir à posteridade, melhor e, provavelmente, de maneira mais brilhante, fatos interessantes da vida do nosso Rio do Sul e que valeria a pena serem fixados e lembrados como valores históricos. Faltou-lhes, no mínimo, ânimo ou a lembrança de legar à posteridade aquilo que já hoje nos faz tanta falta e que será considerado, no futuro, e nisto não creio errar, como uma falta imperdoável dos nossos homens intelectuais, que, infelizmente, se perdem na azáfama de uma vida muito materializada. Seria assim de minha parte muita pretensão querer preencher esta lacuna; mas, mesmo assim e correndo ainda o risco de deturpar, em um ou outro detalhe, a visão histórica de nosso município e, principalmente, cidade, procuro vasculhar, na memória, o passado, para que a outros seja dado avaliar o esforço do homem riosulense pela elevação de nossa vida social. Aconteceu que a nossa fa-

mília foi, como poucos outros, nossos amigos no infortúnio, pois era assim considerada a mudança para os sertões riosulenses, aquela que conhece Rio do Sul desde a edificação de sua primeira cabana, feita de barro e coberta de palha, e que estava situada no lugar onde hoje se ergue o majestoso prédio REX, em pleno coração da cidade. Era então a estrada que margeia o rio do SUL e que nos liga ao município de Itupuranga, nada mais que um simples picadão, aberto pelo sr. Paulo Cordeiro, um dos homens que mais se destacaram no desbravamento dos nossos sertões e que, posteriormente, quando Rio do Sul já era município, desmembrado, como foi, do antigo grande município de Blumenau, muito fez pelo desenvolvimento desta região do Vale do Itajaí, principalmente em construções de estradas e pontes, como chefe do executivo municipal. Quando lemos as histórias de catequese dos chavantes nos longínquos sertões nordestinos e que são consideradas quase que como reminiscências pré-históricas, poucos são aqueles que julgam possível que também Rio do Sul, há 50 anos atrás apenas, tivesse sido também teatro de lutas abertas e sangrentas entre o selvagem e o colonizador que, intrêpidamente, invadira a região, que o aborigine tresmalhado considerava sua propriedade, indisputada durante séculos, e de onde recuava passo a passo, embecendo a terra - mãe com o seu sangue indomável que derramava em holocausto à liberdade e à soberania assim enxovalhada. Contudo, não era possível que a civilização, em plena marcha ascendente, fizesse alto diante de tais obstáculos, embora ferisse profundamente os direitos ingênitos de uma raça acostumada à liberdade selvagem e a direitos até então incontestes. O selvícola, acossado rudemente desde a mais remota época colonial, já tinha então quebrantado o seu ânimo de luta; e a resistência que oferecia, já não se caracterizava mais, salvo uma ou outra exceção, por uma luta organizada por grande número, mas aparecia em pequenos grupos e utilizava-se de sua astúcia e dos conhecimentos topográficos que possuía desta re-

gião, para atacar isoladamente colonos ou quem ousasse ir além dos limites traçados pelo bom senso. Foi preciso toda a coragem e energia de um Eduardo para conjurar, definitivamente, este perigo, que ameaçava constantemente o trabalho pacífico dos primeiros desbravadores dos nossos sertões. A colônia dos bugres, formada no planalto do vizinho município de Ibirama, antigamente também pertencente ao grande município de Blumenau, dá-nos uma idéia exata do perigo que tiveram de afrontar aqueles que demandaram esta região. Este fato, porém, por si só, ainda não seria bastante para destacar a temeridade e a coragem dos nossos paes e avós, pois, idêntica luta era comum a todas as regiões do vasto território nacional e não representa, portanto, um papel especial na história de nossa colonização. Forçoso é convir, porém, que não era a raça brasileira (lusa) temperada nas intempéries do nosso clima tropical e afeita, durante séculos, à luta dos sertões, que procurava subjugar afoitamente a natureza, inclemente e traiçoeira; mas era um povo estranho a tudo, que, há umas décadas apenas, começava a infiltrar-se, mais ou menos organizados, nesta região. Embora grande parte já tivesse nascido aqui, quase tudo lhes era estranho, basta dizer que eram poucos aqueles que possuíam uma noção, mais ou menos apurada, de nossa língua. Apreciando, assim, os fatos por este prisma e ângulo, temos que louvar-lhes a sua bravura, pois, foram eles que abriram para a civilização brasileira um dos mais férteis vales conhecidos em todo o território nacional. Não seria interessante fechar este capítulo, que trata do rompimento dos sertões riosulenses, sem mencionar o tributo de sangue que diversas famílias aqui radicadas foram obrigadas a fornecer. Quero citar, em primeiro lugar, a família de Carlos Rennert, velho pioneiro riosulense, que se fixara em pleno perímetro urbano desta cidade, à margem direita do rio do Sul, ou Braço do Sul, nome pelo qual ficou designado naquela época, e que fôra atacado, em pleno dia,

pelos selvícolas, tendo sido morta, após curta e violenta luta, a sua esposa.

Idêntico ataque tivera que suportar, também, em pleno dia, quando se dirigia para a roça, na margem esquerda do rio do Oeste, uns 500 metros distante do campo do Esporte Clube Concórdia, a família de Carlos Basílio, velho morador desta cidade. Felizmente, esta família não teve perdas de vida a lamentar; saíram-se todos com pequenas escoriações. Temos ainda a mencionar o caso Moser, que se verificou em Mosquitinho, uns 10 quilômetros desta cidade, onde residia Carlos Reuter, um dos nomes tradicionais, ligados à colonização riosulense. Encontrava-se Carlos Reuter, juntamente com o seu ajudante, de nome Joaquim Moser, abrindo um caminho, Mosquito a dentro, quando foram cercados pelos bugres. Após curta e dramática refrega, o sr. Carlos Reuter, conseguindo contornar o assédio, logrou evadir-se, abandonando, porém, no campo da luta, mortalmente ferido por uma certa frechada, o seu companheiro de trabalho. Reuter, vendo-se assim acochado, dirigiu-se diretamente a Rio do Sul em busca de socorro. Reuniram-se os poucos moradores e formaram uma expedição armada que seguiu para o campo da luta; mas, quando ali chegou, já os índios tinham abandonado o terreno, deixando, apenas, o morto, que foi então transportado para esta cidade.

Estes casos, porém, não ficaram isolados. Temos ainda o da turma chefiada pelo sr. Paulo Cordeiro, durante a abertura da estrada para Ituporanga que, na altura de Aurora (Lauterbach) fôra cercada durante semanas pelos selvagens de forma ameaçadora. Esta turma era composta de um pequeno grupo de homens bem dispostos, que não se deixaram esmorecer com simples ameaças dos sitiantes. As ameaças que sofreram, recusavam principalmente durante a noite, sem que, porém, os selvagens chegassem a abrir a luta, certamente com o receio da violência do rebate, pois, os assim cercados tinham os seus espias, que não pouparam com sinais ineludíveis, em forma de tiros que estru-

giam nos ares, e que, certamente, convenceram aos sitiantes que o preço da vitória não seria lá muito barato. Isto tudo se deu entre os anos de 1907 até 1909, quer dizer, precisamente há 50 anos atrás. Mas o perigo continuava e somente terminou aí pelo ano de 1915, quando entrou em cena o célebre Eduardo que, usando mais de estratagemas que de violência, conseguiu, a muito custo, catequizar os nossos bugres. Estes fatos aqui relatados não representam, no entanto, o que houve de mais dramático na luta do selvagem contra o seu inimigo secular, mas são casos estreitamente ligados com nomes de famílias riosulenses, a todos familiares, pois aqui se acham radicados e aqui vivem em nosso meio.

Com o fim de levantar um pouco mais o véu que cobre acontecimentos tão interessantes para nós riosulenses, tive ensejo e a grande felicidade de entrevistar um velho pioneiro riosulense, na pessoa simpática do Sr. Willy Hering sr., residente em Matador, onde fixou residência no ano de 1906, cujos cabelos grisalhos enchem-nos de respeito e cuja vida tem sido um corolário de lutas, onde a alegria e o sofrimento se revejavam, sem que lhe pudessem abater o ânimo, acostumado como estava, desde a sua mocidade, às agruras da vida que Deus reserva para aqueles que se deixaram arrastar pelo seu espírito indomável e que se esboroa-va de encontro às leis da natureza que aqui se apresentavam cruéis e inclementes. Estando o mesmo hoje preso à cama, por má sorte do destino, como que sorvendo até a última gota o cálice da amargura, não teve a família, mesmo assim, dúvida em franquear-me a sala onde se encontrava recluso este exemplar chefe de família. Notriamente conformado com o seu destino, recebei-me o mesmo visivelmente satisfeito. Cientificado do objetivo de minha visita, que lhe expliquei sem grandes rodeios, recordou incontinentemente gratas passagens de sua mocidade, quando eram, ele e meu pai, inseparáveis amigos. Na proporção que vinhamos discorrendo sobre o passado, rememorando fatos e datas, a ele tão ligados, vi como os seus olhos

aumentaram de brilho e o seu rosto se abriu num sorriso satisfeito e comovido, quando, cheio de emoção, provocada pelo grande interesse por mim demonstrado pela vida e luta que tiveram que sustentar os nossos velhos desbravadores dos sertões, retendo por uns momentos a respiração e firmando-se melhor no seu leito alvo e macio, começou a narrar: "sim", disse, "estamos chegando àquela época que com tanta satisfação evoco e que não devia ficar no olvido, pois, representa uma página verdadeiramente épica, vivida por um punhado de homens audaciosos quase aventureiros, sendo que somente aqueles que conheceram os sertões riosulenses de cerca de 55 anos atrás, podem avaliar com acerto o sacrifício que representava a mudança para esta região inóspita. Recordo-me, perfeitamente, quando em 1904, época em que já aqui me encontrava para derribar matas e construir a nossa choça do pavor espalhado pela notícia da luta travada por um grupo de tropeiros, que vinham descendo o planalto com destino ao litoral, em busca de suprimentos, nas cercanias do morro Timbêzinho, num desvio do caminho que já desapareceu completamente, com numerosa tribo de botocudos. Esta luta transformou-se em verdadeira batalha, constituindo uma das mais dolorosas tragédias verificadas nos sertões desta região, pois, tal foi a sanha e a ferocidade dos selvagens, que não pouparam ninguém.

Ficaram prostrados no campo da luta nada menos que 14 mortos, ou seja, o total dos componentes desta tropa, ficando assim o chão coberto de cadáveres de homens e animais, em meio à desordem provocada pelos objetos espalhados a esmo e em todas as direções. Durou semanas até que foi possível reconstituir mais ou menos os fatos ali desenrolados. Os que dali se aproximaram tapavam o nariz e contornavam apavorados este lugar, pois, os corpos em plena decomposição ficaram expostos aos corvos que se juntaram em grande quantidade, emprestando assim um aspeto ainda mais lúgubre ao quadro aqui pintado em poucos traços e que talvez ainda não traduzem bem aquela triste tragédia que se

desenrolava em pleno sertão e longe do mundo civilizado. Eu, pessoalmente, tive oportunidade de contar depois as cruzes levantadas em homenagem a estas almas cristãs e certifiquei-me da obstinação do nosso selvagem em não arredar o pé deste chão para ele tão sagrado e que defendia com tanto calor e sangue. Embora o governo tivesse proibido a caça e a guerra ao selvagem, estes não se conformaram com a conquista pacífica de suas terras e das regiões onde imperavam e se homiziaram durante milênios talvez. Sabemos também, "continuou o sr. Willy Hering", que nem sempre podemos taxá-los de selvagens no sentido da crueldade, pois, a guerra, embora proibida, não cessara nunca contra os mesmos, principalmente pela famigerada família dos "Pires", antigamente donos de grandes fazendas, que lhes moviam uma tremenda perseguição, jogando-os para o litoral, onde por sua vez lhes era cercado o passo pelo avanço lento, mas contínuo, da colonização teuta e itala. Quem sabe da guerra que esta família de fazendeiros movia friamente contra os selvagens, com o único fito de aniquilá-los, como se aniquila um animal, acha facilmente a explicação da transformação, com o correr do tempo, destes homens em verdadeiras feras humanas, bandoleiros e assassinos, que punham em perigo até estes dias toda a zona serrana, pois, esta vontade de matar entrara-lhes pelo sangue e não mais distinguiam entre selvagens e civilizados. Felizmente, no cerco que a polícia lhes fizera há poucos anos, na região do Rio do Campo, conseguiu liquidar com o principal chefe dos remanescentes desta famigerada quadrilha de bandidos. Logo em seguida àquela chacina, tiveram alguns audaciosos pioneiros que enfrentar, nas cercanias de Barra das Pombas, outra luta, quase idêntica, mas desta vez mais feliz, pois o número de mortos ficou limitado a 2, que morreram ao serem transportados para esta cidade, sem mencionar os gravemente feridos e os levemente atingidos. Este fato pude presenciar em pessoa e ficou-me tão bem gravado na memória que parece-me estar ouvindo, ainda hoje, os ge-

midos em meio às contorsões angustiantes das pobres vítimas, pois, logo que recebemos o pedido de socorro, pusemo-nos a caminho para salvar o que fôsse possível.

Formou-se, assim, um grupo de homens bem dispostos, como Leopoldo Schroeder, Carlos Rosemann, Reinhold e Richard Kopelke, Hermann Heuser, Edgar Odebrecht e a minha insignificância. Pelo rio, com a canôa, seguiu o sr. Vicente Catarina, com mais um companheiro, a fim de recolher os feridos e transportá-los para Rio do Sul. Ainda hoje fico tomado de compaixão ao me recordar das cenas que ali se desenrolaram com os feridos, dois dos quais não suportaram o transporte e morreram em caminho, sendo enterrados perto de Barra do Trombudo. Também eu, pessoalmente, sofri um ataque em forma dum cerco que os índios me fizeram aí pelo mês de setembro de 1904, quando aqui me encontrava preparando minha roca e construindo minha choupana. Mas, felizmente, nada houve, pois, os selvagens, temendo talvez mais dois enormes cachorros que possuía, que a nós homens, retiraram-se sem atacar-nos.

Anos após foram mortos no morro da Atafona, abaixo um pouco de Riachuelo, o sr. Manoel Lorentino que recebeu uma frechada quando viajava para Blumenau. Tombou ainda morto nesta mesma redondeza um imigrante de nome Germano Voigt, além de outros casos denunciados pelo número de cruzes levantadas à beira do caminho.

Os últimos remanescentes dos selvagens renderam-se, sem luta, a Eduardo aí pelos anos de 1914, em número de sessenta, entre homens, mulheres e crianças. Certamente não viram outro meio de escapar à sanha dos famosos Pires, pois, a rendição foi uma consequência direta da guerra e perseguição que estes lhes moviam".

Como a nossa conversa ia já longe e divagávamos repetidamente para outro terreno, achei prudente não abusar da bondade do doente, que já dava sinais de visível cansaço. Despedi-me, assim intimamente satisfeito de não ter deixado de anotar estes fatos interessantes para todos quantos es-

timam o valor e honram o passado. É assim de certo modo justo e honesto que honremos a memória dos nossos velhos sertanistas, sem distinção de raça, verdadeiros pioneiros desta hoje tão apreciada e louvada região catarinense. Creio poder afirmar mesmo, não possuir o Vale do Itajaí, êmulos que se lhe ombreie, considerando o desenvolvimento vertiginoso da indústria, do comércio e principalmente da

agricultura. Tudo aqui é o resultado do esforço pessoal; e o dinamismo que anima o seu povo, é uma das mais sólidas garantias para o futuro desta região privilegiada. O trabalho prestado por este punhado de homens à civilização, vale por si só por um monumento. Evidencia-se de um modo tão flagrante que me abstenho de entrar em pormenores.

---

---

## PARECERES E SUGESTÕES

# Ainda o centenário de Itajaí



Do nosso prezado colaborador, sr. J. Ferreira da Silva, recebemos o seguinte :

“Quando fui convidado, pela colenda Câmara Municipal de Itajaí, a opinar sobre a data em que se deveria comemorar o centenário da elevação de Itajaí a município, se eu tivesse relido a lei 464, de 4 de abril de 1859, certamente não teria dado o parecer que emití.

Como outras pessoas consultadas, eu entendi que as comemorações deveriam ser feitas na data da lei, e não na da instalação do município.

Folgo em confessar que me enganei.

E isso, por ter confiado muito na minha memória. Repassando, agora, o texto daquela lei, constato que o município de Itajaí não foi, propriamente, criado a 4 de abril.

Leia-se o artigo 1.º, daquele dispositivo legal, subscrito pelo presidente João José Coutinho, e ver-se-á que tenho razão:

“Art. 1.º — Será elevada à categoria de Vila a paróquia do

SSmo. Sacramento d’Itajaí, logo que seus municípes tenham prontificado, à sua custa, casa para as sessões da Câmara”.

Parece que a cousa é bem clara: Itajaí estava em condições de ser município, mas só o seria quando tivesse lugar onde a Câmara pudesse se reunir. Daí se deduz que, enquanto os moradores não arrandassem casa, nas condições de servir para o legislativo municipal, Itajaí continuaria simples distrito, ou freguesia, que é o seu equivalente.

Está, portanto, certo, no meu entender, o sr. Prefeito municipal em determinar que os festejos comemorativos do centenário da elevação de Itajaí a município, se realizem na data do centenário da sua instalação, no ano próximo. Só então, em 1860, com o adimplemento da condição — *sine qua non* — de se arranjar casa para a Câmara, é que a lei entrou, realmente, em vigor.

O raciocínio é suficientemente claro para que exija explanação.”

---

**O DOUTOR WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA**, presidente eleito da República, visita Blumenau a 29 de maio de 1926. Nessa ocasião o dr. Victor Konder é convidado para ocupar o ministério da Viação.

# A "CULTURVEREIN"

Frederico KILIAN

(Continuação da página 67)

Na reunião de 13 de Dezembro, a comissão eleita no mês anterior apresentou os Estatutos, em sua nova redação. Rezava o seu artigo 1.º: Para fomentar a agricultura, bem como elevar o nível social, moral e científico da Colônia Blumenau, constituiu-se nela uma sociedade com o nome de "Sociedade de Cultura". Nos artigos seguintes encontramos as disposições que visavam conseguir as finalidades fixadas no artigo 1.º, bem como o modo de sua administração, admissão de sócios, deveres e direitos destes e outras determinações referentes à atividade da sociedade. Todos os moradores da Colônia, do sexo masculino, que houvessem completado 15 anos, podiam ser sócios da sociedade, porém só adquiriam o direito de voto aos 21 anos. Sócios menores de 21 anos, pagavam uma mensalidade de oitenta réis (Cr.\$ 0,08) e os sócios maiores o dôbro, ou seja, cento e sessenta réis (Cr.\$ 0,16) por mês. As rendas da sociedade se destinavam, unicamente, para fins de utilidade, especialmente para aquisição de sementes, máquinas agrícolas, livros, manutenção de uma biblioteca, etc.. Toda a aplicação de dinheiro da sociedade dependia de autorização prévia tomada em reunião dos sócios. Para despesa que não ultrapassasse um mil réis (Cr.\$ 1,00) a Diretoria não necessitava de autorização prévia. Todo sócio era obrigado a entregar ao secretário, para o devido arquivamento, logo após a conferência ou relatório, que por êle fosse lido, o manuscrito do mesmo. Após a aprovação dos Estatutos os sócios ainda trataram de vários assuntos, tendo o Sr. Kleine feito uma interessante conferência sobre a cultura de tubérculos, seguindo-se ao mesmo um intenso debate. Em vista da importância do tema, foi adiada a continuação dos debates para a reunião seguinte. Os senhores L. Scheeffler, Schroeder e Riemer, ofereceram-se para fazerem experiências com a cultura do taiá. O Sr. Friedenreich prosseguiu na sua conferência sobre o tema: "O papel do agricultor", abordando, nesta, especialmente, a criação de animais domésticos, notadamente o aperfeiçoamento de raças cavalares. A "Caixa de perguntas" continha a seguinte pergunta: "Não considera a sociedade muito proveitoso incentivar a criação de ovelhas na Colônia, não só para o consumo de lã, como também para aumentar o mercado de carne para o consumo da colônia? Na reunião de 17 de Janeiro de 1864, o Sr. Friedenreich relatou sobre o conteúdo de amido nas diferentes plantas, constatando-se, segundo as pesquisas do Sr. Dr. Eberhard, as seguintes porcentagens de amido: Cará amarelo = 7½%; mangarito amarelo = 9%; Taiá = 9,3%; Cará mimoso = 12%; Batatas doces = 12,6%; Aipim = 17½%; Araruta = 20%. Sobre a cultura da araruta houve um longo debate, no decorrer do qual se chegou à conclusão que, para produzir uma mercadoria que se prestasse para a exportação, isso somente poderia ser feito, com vantagem, por meio de produção em estabelecimento fabril.

Na reunião de 14 de fevereiro de 1864, foi debatida a questão da importação e criação de ovelhas na colônia, tendo sido elaborado um regulamento, a respeito, contendo, em seus 7 artigos, importantes disposições sobre a distribuição de reprodutores, devendo o faltante, no custo dos mesmos, ser levantado por coleta voluntária entre os sócios. O sócio adquirente de reprodutores, tinha o prazo de um ano para pagar, em duas prestações, o valor do animal, acrescido das despesas havidas com a importação. A matança de ovelhas só seria permitida, si o criador pudesse provar que já havia criado um número maior de ovelhas do que o que pretendia matar. Carneiros machos só poderiam ser abatidos, si nenhum colono tivesse interesse em um reprodutor e ficava o proprietário obrigado a consultar todos os demais sócios da sociedade a êste respeito, antes da matança do carneiro. Todos os sócios se obrigavam a observar o regulamento, ficando os contraventores sujeitos à apreensão e perda dos animais que lhe foram cedidos pela sociedade, ficando obrigado a indenizar o valor dos animais faltantes. — Em seguida o Sr. Friedenreich leu um artigo



sobre a importância da mudança de sementes na cultura das plantas, tendo, em face disto, o Sr. Riemer proposto que se solicitasse, ao Dr. Blumenau, a importação de sementes novas de milho, principalmente de qualidades de caules curtos, da América do Norte e da Europa. Igual proposta foi feita com referência às batatas, mas que, neste caso, a importação deveria ser feita do Estado do Rio Grande do Sul. — A oitava reunião, realizou-se no dia 13 de março de 1864, tendo sido debatido o assunto da cultura do algodão e solicitado ao Dr. Blumenau, se interessasse para a introdução de uma qualidade, já adaptada ao clima do sul do país. Na nona reunião, realizada no dia 10 de abril de 1864, o Sr. Riemer propôs fosse sugerido ao Sr. Dr. Blumenau, de conseguir mudas do chamado bambú da Espanha. Décima reunião, no dia 8 de maio de 1884. Com referência à resolução da reunião anterior, sobre a introdução do bambú da Espanha, vários sócios fizeram ver que tal planta se tornaria uma praga e prejudicaria os terrenos, mas não obstante esta advertência, foi mantida a resolução anterior. A seguir foi distribuída semente de trigo proveniente da Moldávia (Rumânia). Uma proposta do Sr. Romer, referente à importação de sementes de hortaliças da Alemanha, foi aceita e resolvido importar, anualmente, cerca de vinte quilos de diferentes qualidades de hortaliças. Finalmente o Sr. Friedenreich leu, ainda, aos presentes um trecho de um livro denominado "Viagem às Índias Ocidentais". — Reunião do dia 12 de junho de 1864. — O Sr. Friedenreich distribuiu certa quantidade de uma qualidade de milho de grãos miúdos, muito próprio para o trato de franguinhos. O Sr. Dr. Eberhard prosseguiu em sua conferência sobre "A vida das plantas" e o Sr. Pastor Hesse fez uma conferência sobre "A História do Brasil". O Sr. Sametzky propôs fosse organizada uma estatística sobre a época da introdução, na Colônia, das diferentes plantas produtivas e seus rendimentos. Foi incumbido o Sr. Pastor Hesse, para coligir os respectivos dados. A uma observação do Sr. Scheeffler, de que as raízes do alpin e da mandioca apodreciam facilmente, quando plantadas as mudas em terrenos constante de pasto recém-arado, o Sr. Sametzky declarou que em face do exuberante crescimento da grama e capim, não era suficiente arar o pasto uma só vez, mas que se tornava necessário arar, o mesmo, pelo menos três vezes, até o completo apodrecimento da grama e sua transformação em adubo. — Na 12.<sup>a</sup> reunião o Sr. Sametzky falou sobre a planta denominada "mata-cavalo", tendo, nesta oportunidade, o Sr. Friedenreich relatado sobre o estado interno de um cavalo submetido à autópsia e que morrera por ter comido desta planta. O Sr. Friedenreich propôs que se desse uma gratificação de cinco mil reis (Cr.\$ 5,00) a quem trouxesse um exemplar desta planta, ainda desconhecida dos colonos. Para procurar esta herva foi incumbido um português, chamado Constantino. Na reunião de 14 de agosto de 1864, o Sr. Friedenreich apresentou uma planta dizendo tratar-se do comentado "mata-cavalo". Resolveu-se então, para fazer experiências com a mesma, adquirir um cavalo para servir de cobaia e angariar a quantia necessária à compra do cavalo entre os proprietários destes animais. O Presidente leu o relatório do ano findo, seguindo-se as conferências dos Srs. Dr. Eberhard, sobre "A vida das plantas" e a continuação da "História do Brasil" lida pelo Pastor Hesse. A 14.<sup>a</sup> reunião, do dia 9 de outubro de 1864, tratou somente da renovação, por eleição, da Diretoria. — Na 15.<sup>a</sup> reunião, realizada no dia 8 de janeiro de 1865, o Sr. Bewiahn propôs que a sociedade intercedesse para um aumento da criação de ovelhas, propondo ainda que, pela sociedade, fosse adquirida uma máquina de fiar, para o melhor aproveitamento da lã e algodão produzidos na colônia. A seguir, o Sr. Friedenreich fez uma interessante conferência sobre a formação da lua! (Certamente o Sr. Friedenreich não imaginava que cem anos depois, talvez um descendente seu teria a oportunidade de desembarcar na lua, para verificar pessoalmente a formação da mesma). — 16.<sup>a</sup> reunião, no dia 12 de fevereiro de 1865. Foi debatido o assunto da aquisição da máquina de fiar e aprovada a proposta, resolvendo-se encarregar o Sr. Dr. Blumenau de adquirir tal máquina na Alemanha, por conta da Sociedade. — Após um intervalo de dez meses, realizaram os sócios a 17.<sup>a</sup> reunião, no dia 10 de dezembro de 1865, tendo nesta o Sr. Friedenreich apelado para os presentes, que não deixassem decair a sociedade, propondo ainda que se acrescentasse um parágrafo nos estatutos, que determinasse que os haveres da sociedade, de forma alguma, pudessem ser aplicados para outros fins, a não ser os declarados nos estatutos, e,

si por ventura a sociedade algum dia deixasse de existir, seus bens deveriam ser guardados, pela diretoria, até que se formasse outra sociedade agrícola e com os mesmos fins, à qual ditos bens seriam então entregues. A proposta foi aceita. A seguir, procedeu-se à eleição da nova diretoria que ficou assim constituída: Presidente — H. Baucke. Vice-Presidente — Pastor Hesse. Secretário — Th. Schröder. 18.<sup>a</sup> Reunião, no dia 11 de fevereiro de 1866. Após a admissão de vários sócios, foi eleita uma comissão composta dos senhores Pastor Hesse, G. Labes e Th. Schroeder, para uma revisão dos estatutos. 19.<sup>a</sup> reunião, no dia 11 de março de 1866. A comissão encarregada da revisão dos estatutos apresentou o projeto da reforma dos mesmos, o qual foi discutido e aprovado, devendo os estatutos dos mesmos serem remetidos ao Sr. Dr. Mueller, em Des-terro, (Florianópolis) para serem apresentados ao Sr. Presidente da Província, para a aprovação e para obtenção dos direitos corporativos. Houve várias inovações nos estatutos, entre as quais uma, contida no § 3.º, que fixava a Assembléia Geral de fim de ano, para o dia 2 de Dezembro, na qual se comemoraria, também, logo a data natalícia do Imperador. — A mensalidade foi aumentada para duzentos reis (Cr.\$ 0,20), e fixada uma jóia de um mil reis (Cr.\$ 1,00). A aplicação das rendas ficou inalterada, isto é, para aquisição de sementes, instrumentos e máquinas agrícolas, animais para reprodução, livros e revistas sobre agricultura e para a formação de uma biblioteca popular. Despesas superiores a cinco mil reis (Cr.\$ 5,00) careciam de autorização, aprovada em reunião mensal. 20.<sup>a</sup> reunião, no dia 13 de maio de 1866. O Presidente comunicou que o Sr. Pastor Hesse renunciou ao seu cargo de Vice-Presidente, tendo a vaga sido preenchida com a eleição do Sr. Labes. O Presidente propôs que se organisasse uma exposição pecuária, ficando encarregado o Sr. Labes de elaborar um projeto para a mesma, correndo as despesas da exposição, por conta da sociedade. Foi aceita ainda a proposta do Sr. V. Lösecke, de pagar um mil reis (Cr.\$ 1,00) de aluguel para a ocupação da sala, por reunião. Na 21.<sup>a</sup> reunião, realizada no dia 10 de junho de 1866, o Sr. Labes apresentou o projeto para a exposição pecuária, o qual foi aceito com algumas modificações. A 22.<sup>a</sup> reunião, do dia 8 de julho de 1866, teve como assunto principal a aquisição de vários livros técnicos referentes à criação de animais domésticos. Em 9 de setembro se discutiram vários assuntos e na 24.<sup>a</sup> reunião, realizada no dia 14 de outubro de 1866, foi debatido o programa para a reunião do dia 2 de Dezembro e a festa comemorativa do aniversário do Imperador D. Pedro II. Debatendo assuntos agrícolas, o Sr. Schadrack propôs a importação de sementes de grama e capim dos Estados de La Plata, visto que aquelas qualidades eram mais resistentes às geadas, tendo sido encarregado o Sr. Friedenreich de tratar, talvez, por intermédio do Sr. Presidente da Província, da importação de tais sementes. A 26.<sup>a</sup> reunião realizou-se no salão do farmacêutico Keiner, tendo se procedido à eleição da nova diretoria, permanecendo nos cargos os Srs. Baucke e Labes, que foram reeleitos e, no lugar do Sr. Schroeder, que não quis aceitar sua reeleição para o cargo de secretário, foi eleito, para este cargo, o sr. Theodor Kleine, a quem também foi entregue o saldo em caixa, que importava em Rs. 114\$600 (ou seja Cr.\$ 114,60). O sr. Labes falou sobre a criação do bicho de seda, fazendo ver as vantagens e o rendimento que esta criação proporcionava. Expôs também crias de uma qualidade de bicho de seda (Bombyx arrindia) cápsulos, fios etc., como resultado dos seus esforços na cultura destes bichos. Após a reunião, os presentes dirigiram-se ao jardim do sr. Keiner e aí, ao ar livre, debaixo das laranjeiras festejaram, com música e palestras, o aniversário de Sua Majestade, o Imperador do Brasil.

---

## ANIVERSÁRIOS DE CIDADES

Em maio, ocorrem: a 1.º de 1876, Itajaí é elevado à categoria de cidade; em 3, de 1877, Joinville também é elevado à cidade; em 7 de 1935, Hammonia, hoje Ibirama, é elevada à vila; em 13 de 1934 Ibirama é elevado à Comarca; em 29 de 1922, Timbó é elevado à categoria de distrito de paz.

# NOSSAS CASAS DE SAÚDE

O povo de Presidente Getúlio, a simpática cidade oriunda da antiga colônia Hansa-Hammonia, não desmentiu o tradicional interesse das populações itajaíenses pelo progresso, pelo engrandecimento das respectivas comunas. E como fator dêsse engrandecimento deve-se contar, por certo, e em primeira plana, com a solução dos problemas relacionados com a saúde. Onde quer que se levante um povoado, cuida-se logo de erguer ao lado da igreja e da escola o hospital dotado dos possíveis recursos da ciência.



É de Presidente Getúlio o hospital que se vê na foto acima. Nosocomio moderno, com todos os requisitos exigidos para estabelecimentos dêsse gênero, levanta-se em aprazível colina, donde se descortina magnífico panorama. Dispõe de amplas enfermarias, de aposentos particulares, dirigido por enfermeiras dedicadas e por médicos competentes. Sua construção obedece ao estilo original das edificações do Vale do Itajaí, casando-se admiravelmente com a paisagem circundante, rica ainda de luxuriosa vegetação. É um bucólico recanto, cuja tranqüilidade e beleza auxiliam a cura dos enfermos que a êle se recolhem.

---

---

**E**M 1855, o comandante da polícia da província de Santa Catarina percebia 40 Cr.\$ por mês de ordenado, mais 10 Cr.\$ de gratificação e 40 centavos diários para forragem de sua montaria. O segundo comandante ganhava 30 cruzeiros por mês, o primeiro sargento 25, o segundo 22, o furriel 20, os cabos 18, os cornetas 18 os soldados 17 cruzeiros mensais. Como se vê, um soldado ganhava pouco mais da metade do que ganhava o segundo comandante.

## ESTANTE DE “CADERNOS”

★ “MINISTROS DA MARINHA” — Notas Biográficas — 3.<sup>a</sup> Série — 1865 — 1889 — Lucas A. Boiteux. — Imprensa Naval — 1959. —

Com honrosa dedicatória de seu autor, recebemos um exemplar da brochura em que o brilhante e douto mestre, almirante Lucas A. Boiteux, enfeixou as biografias dos ilustres brasileiros que, entre 1865 e 1889, ocuparam o cargo de ministro de Estado dos Negócios da Marinha.

São dados muito interessantes sobre a vida e a atuação de vinte e quatro estadistas e patriotas que, à frente daquela pasta, prestaram assinalados serviços ao país.

O volume é o terceiro da série, que o almirante Boiteux vem publicando, o primeiro da qual se refere aos ministros da marinha de 1808 a 1840 e o segundo, dêste último ano até 1865. O quarto e quinto, que se encontram em elaboração, referem-se aos titulares da pasta de 1889 a 1930 e dêste ano até a época atual.

O trabalho do ilustre mestre Boiteux, como tôda a sua já vasta e erudita bibliografia, é vasado em estilo simples, leve, agradável, que se lê com entusiasmo e aproveitamento.

Agradecendo ao eminente conterrâneo e consagrado historiador a gentileza da oferta, felicitámo-lo por mais êsse inestimável serviço prestado às letras e à história da nossa pátria.

★ “ANUÁRIO DE ITAJAÍ PARA 1959” — Laércio Cunha. — O jovem e inteligente jornalista conterrâneo, Laércio Cunha e Silva, realizou, com a publicação que acaba de fazer, do “Anuário de Itajaí” uma obra realmente digna de registro e de louvores. Com magnífica apresentação, desde o desenho da capa ao ótimo papel e à impressão cuidadosa e limpa, o “Anuário” traz blilhante contribuição literária e histórica de nomes conhecidos do mundo intelectual catarinense, como os de Lucas Boiteux, Roberto de Faria, Pe. Raulino Reitz, Juventino Linhares, Lausimar Laus, Marcos Konder Reis, Abdon Fóes, Arnaldo Brandão, Simões Bidigary, Lauro Uller, Osny Duarte Pereira, Antônio Nóbrega Fontes, J. Ferreira da Silva, Eduardo Tavares, Víctos Márcio Konder e outros, que versam assuntos ligados ao passado e ao presente da simpática cidade da fóz do grande Itajaí. Além da escolhida parte literária, o “Anuário” traz, ainda, interessante cópia de informações sobre a administração pública municipal, com breves biografias dos homens que, até agora, governaram a modelar comuna; sobre o seu importante comércio e as suas indústrias, ora em franco desenvolvimento, o seu pôrto que é, hoje, o mais frequentado de Santa Catarina. Homenageando os senhores Prefeito Municipal, Carlos de Paula Seara, o senador Irineu Bornhausen, Genésio de Miranda Lins e outras figuras destacadas, que emprestaram o seu apóio moral e material à concretização do utilíssimo empreendimento, o “Anuário” destaca a atuação dêsses e de outros elementos, que patrióticamente, vêm dando os seus melhores esforços em pról do engrandecimento da terra de Lauro Mueller.

O trabalho de Laércio Cunha presta, assim, um excelente serviço, não apenas à sua terra natal, mas a todo o Estado. Enviamos, daqui, ao prezado conterrâneo os nossos parabéns. E que êle, no próximo ano, nos dê outro “Anuário” comemorativo do centenário da elevação da Itajaí a município.

## **Dr. ALFREDO HOESS**

Se há um contemporâneo que mereça a estima, o respeito, a consideração dos habitantes do Vale do Itajaí, êsse é o Dr. Alfredo Hoess que, durante muitos anos, foi diretor do Hospital Santa Isabel, de Blumenau.

Dotado de extraordinária capacidade profissional, alia aos seus predicados de médico competente, uma bondade e uma dedicação à tôda prova e que lhe conquistaram verdadeira veneração de quantos já necessitaram de seus cuidados.

Nasceu na Alemanha, em 22 de abril de 1890. Terminados os estudos primários, ingressou na Faculdade de Medicina de Viena, tendo sido obrigado a interromper os estudos em 1914, a fim de seguir para a frente de batalha, como oficial. Mal chegado ao front, foi aprisionado pelos russos e levado para o Ural. Sabendo-o estudante de medicina, prestes a colar grau, os inimigos libertaram-no para que pudesse prestar serviços profissionais junto aos feridos. Se, já na faculdade, Alfredo Hoess dera provas de perícia na arte operatória, mostrou-se, nos hospitais de sangue, um cirurgião hábil, abnegado, verdadeiramente compenetrado da sua responsabilidade. Trabalhava, muitas vezes, por vinte e quatro horas consecutivas, sempre alegre e sempre disposto a atender onde quer que fôsse precisa a sua presença. Quando, dominado pelo cansaço,

Na sua vivenda de Massaranduba, o Dr. Alfredo Hoess reparte, com as aves que lhe enfeitam e alegam a linda chácara, os seus momentos de paz e de tranqüilidade, longe do bulício da cidade.



necessitava de algum repouso, deitava-se em qualquer canto do hospital, em que trabalhava, apenas os minutos necessários ao retemperamento momentâneo de suas forças.

Não raro, teve que fazer longos percursos em trenós, sôbre o gêlo, atravessando lugares perigosos, habitados por feras, às quais, mais de uma vez, fôra obrigado a atirar cães vivos para escapar, êle próprio, com vida.

Nêsse trabalho sobrehumano, numa demonstração magnífica de solidariedade para com o próximo, mesmo quando inimigo, e de arraigada afeição à missão que abraçara, o Dr. Hoess permaneceu, até 1918, quando, ao término

da guerra, regressou à Viena, terminando o curso no ano seguinte. Clinicou em Viena e, posteriormente, entrou para a Clínica Universitária de Linz, também na Áustria.

Convidado para dirigir o hospital de Massaranduba, distrito de Blumenau, o Dr. Hoess embarcou para o Brasil em 1921. Dedicou-se, com entusiasmo, ao engrandecimento do nosocômio entregue à sua competência e aos seus cuidados e aos doentes da localidade, que nele encontraram mais que um médico: um pai e um amigo.

Em 1930, essa freira extraordinária que é a Irmã Aloisianis, chamou-o para o Hospital Santa Isabel, de Blumenau, onde, durante 21 anos, o dr. Hoess desenvolveu o verdadeiro apostolado, que para êle é o exercício da medicina e da cirurgia, arte em que se tornou mestre, merecedor de absoluta confiança.

Em 1951, depois de três décadas dedicadas exclusivamente ao bem-estar do próximo, o dr. Hoess recolheu-se à sua vivenda de Massaranduba, onde, entretanto, ainda não se nega a atender àqueles que ali vão socorrer-se da sua inteligência e singular capacidade cirúrgica.

Blumenau deve a êsse grande cirurgião e médico muita estima e muita gratidão, mais que pela sua ciência e grande competência profissional, pelo seu grande e boníssimo coração que nunca soube negar, nem ao rico, nem ao pobre, o auxílio de que carecesse. Honra seja a êsse grande amigo do Vale do Itajaí !

Salomão MATTOS.

---

**A** LEI n.º 1024, de 18 de maio de 1883, autoriza o cidadão Manoel Anatácio Pereira e outros a erigirem uma capela sob a invocação do Divino Espírito Santo e um cemitério, em terreno doado pelo cidadão Marcelino José Bernardo, na freguesia de N.ª S.ª de Bom-sucesso de Camboriú, no lugar denominado "Garcia".



**A** 5 de maio de 1917 foi aprovada a lei n.º 72, do Conselho Municipal de Itajaí, que decretou o ensino primário obrigatório de crianças de 7 a 12 anos.



**A** 20 de maio de 1929 é inaugurada, em Blumenau, a estátua ao sábio Fritz Mueller. Ao ato inaugural esteve presente o douto brasileiro Roquette Pinto, que pronunciou erudita conferência, mais tarde enfeixada em folheto, sob o título "Uma glória sem rumor".



**NA ALEMANHA**, onde fôra em busca de alívio aos seus padecimentos, faleceu, a 30 de maio de 1898, o sr. Marcos Konder, comerciante em Itajaí e pai dos irmãos Marcons, Adolfo, Victor e Arno que desempenharam destacada atuação na política do país.

# RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1856

(CONTINUAÇÃO)

Sabendo êles logo manejar o machado, que já não ferem os próprios pés em vez de paus, sabendo roçar com a foice e capinar e enfim trabalhar e merecendo ou julgando de merecer um jornal regular, pedem ou vão se embora ou se estabelecem por própria conta sem se lembrarem do que por êles fiz e gastei. Considerando o atual subido preço da comida, que é de 500, 580 e 600 réis e até foi de 640 réis diários, a repetição de tais sacrificios pouco a pouco chega a alguma monta sem que eu, convenientemente, me possa a êles subtrair. Enfim não houve e não há na colônia prejuízo e infortúnio, não há desgraça em que os colonos ou a maior parte deles não recorra a mim, uns considerando-me como o rico empreendedor de colônia, subvencionado ainda em cima pelo Governo Imperial e quase responsável pelo bem estar e futuro, trabalhem êles e se acomodem bem ao país ou não, pela circunstância de terem êles vindo atraídos pelos meus escritos, entretanto que outros mais modestos se restringem de apelar aos meus sentimentos de compaixão e piedade. E, raras vêzes, neguei-me e até me posso negar, em contribuir com o meu quinhão, posto que nos últimos tempos, e depois de feitas muitas tristes experiências, a minha paciência e piedade ter sido muitas vêzes e de maneira mais indigna abusada, me restringi a êsse respeito.

Uma fonte de consideráveis perdas existe ainda nos adiantamentos das passagens que, forçosamente, e em larga escala, devo fazer para haver o necessário número de colonos e trabalhadores. Com o maior cuidado na escolha e no enganamento dêles, nem sempre se fica com gente boa e fugindo, sobretudo os solteiros, com facilidade no vasto país e sendo difficilimo apanhá-los, de novo, e obter justiça contra êles, resulta daí grave prejuizo. Os pais de familia não fogem e com tanta facilidade não podem fugir, morrendo porém al-

guns dêles, cujos adiantamentos ordinariamente são consideráveis e deixando viúva e as vêzes quatro filhinhos, o adiantamento não só fica perdido mas ainda se deve fazer sacrificios para sustentar a familia para que não pereça de fome. Tôdas estas circunstâncias desfavoráveis, em parte inherentes a tais emprêsas e quase inseparáveis dela, daqui em alguns anos se hão de melhorar, diminuindo-se com a crescente população e o engrandecimento da colônia, as despesas, perdas e sacrificios e aumentando-se a receita; no entretanto, porém, tornam penosa e difficilima a minha situação. Todavia não desanimo e cumprindo meu dever com tôda a consciência e circunspeccão, que as minhas fracas faculdades intellectuais e fôrças físicas permitem e não recuando diante de sacrificio algum, espero levar a êxito satisfatório a minha emprêsa colonial. Se, contudo, se pode dizer, com razão, de alguma arte que seja longa e a vida breve, seguramente a de colonizar, em que se está experimentando desde séculos e até desde os tempos do antigos Gregos e Cartagineses, sem ter chegado a uma regra infalível e à tôda prova.

Ao concluir êste meu relatório chegavam a esta colônia por via do vapor hamburguêz "Teutônia" e do Rio de Janeiro, uma familia composta de sete pessoas, e três irmãos solteiros, em tudo dez pessoas. Inaugurava-se pois esta nova linha de vapores com favoráveis auspícios, não havendo dúvida que para o futuro se pode tornar da mais subida importância não só para esta colônia mas para a colonização brasileira — alemã em geral. Os gastos pequenos que os recém-chegados deviam fazer na côrte e no Desterro, montavam porém à considerável importância, sendo contudo certo que por alguns expedientes do Governo Imperial podem ser muito diminuidos. Peço, pois, licença para apresentar, numa memória especial, as minhas

idéias a este respeito. — Não me posso, todavia, dispensar de mencionar já um fato, que no Rio de Janeiro se deu com os mesmos colonos e cuja repetição, no futuro, é muito necessário remover. Ei-lo: Trazendo destes colonos o pai de família e dos dos solteiros, cada um uma espingarda, ficaram retidas na Alfândega da Côrte e não foi possível obtê-las até o momento em que largava o vapor do Sul, que conduziu os colonos ao Destêrro. Chegando êstes aqui e estabelecendo-se, é impossível ou perigosíssimo, sobretudo na atual estação, deixá-los sem arma de fogo, que os deve acompanhar a cada passo que fazem no mato e na roça. O duplo assassinato, que os bugres cometeram no ano passado foi, talvez, já consequência de uma negligência a este respeito e desde então já não posso permitir que colono algum fique sem arma. Ora, como as dos referidos colonos ficaram sem culpa sua no Rio, vejo-me constrangido, para não excitar queixas bem fundadas dêles, comprar armas e emprestar-lhes até que cheguem as suas. Quem conhece a Alfândega da Côrte, sabe, além disso, quanto é difícil, dispendioso e combinado com perda de tempo, tirar, dela, miúdezas tais, como espingardas sôltas e com quanta facilidade podem ser trocadas e estragadas pela incúria dos empregados subalternos. É pois muito a desejar que os colonos, que, como tais, se tem legitimado, logo no ato do despacho das suas bagagens possam levar, com estas, também as suas armas de fogo ou que estas fiquem depositadas num lugar, onde aquêles as possam receber, sem demora, antes de embarcarem para o seu ulterior destino, até quando o respectivo vapor ou barco costeiro queira partir de madrugada. Precisa nisto combinar as conveniências fiscaes com as necessidades e cômodos dos colonos.

Tenho, enfim, a pedir perdão pela imperfeição e falta de coerência do presente relatório e a grande demora na sua expedição. A repetida chegada de novos colonos, as incessantes interrupções e os muitos trabalhos que êles, e o principio do novo ano, me traziam e que por causa da repetida doença do meu guarda-livros os quais, por semanas, só pesavam nos meus hombros, como enfim e sobretudo os meus próprios e contínuos incômodos de saúde têm culpa desta imperfeição e demora. Infelizmente, êstes meus padecimentos, reumáticos e gastro-hemorroidais, complicados com uma extrema irritabilidade fisica, mas sobretudo, cançada pelos muitos cuidados e dificuldades, com que tenho a lutar e dos inúmeros desgostos, ligados aos meus negócios, se agravaram no último semestre de maneira tal que me privaram e ainda me privam de grande parte do meu tempo e não me deixam sempre aquela liberdade de espirito e de ação, que é necessária para desempenhar bem e a todo o respeito, a missão que me é confiada. O empregado público, que se achar doente, pede licença para tratar de sua saúde; na minha posição, porém, não ousou dirigir ao Governo Imperial o pedido, que me seja permitido retirar-me por algum tempo para restabelecer a minha saúde por meio de um tratamento hidropático, regular e único, que, há sete anos e em idénticas circunstâncias, me trouxe alívio e conforto. Restrinjo-me, portanto, a expôr a situação em que me acho para que não seja atribuído ao desleixo ou à inércia o que é consequência de conjunturas além da minha vontade e do meu poder.

Colônia Blumenau, 10 de fevereiro de 1857.

Dr. H. Blumenau.

---

**LICEU PROVINCIAL DE DESTÊRRO** foi criado pela lei n.º 417, de 6 de maio de 1856, assinada pelo presidente João José Coutinho. Dois colonos blumenauenses foram convidados para ocupar cargos de professores dêsse estabelecimento: o sábio Fritz Mueller, de matemáticas e o Dr. Becker, professor de latim.



## Christiana Deeke BARRETO

## JANEIRO DE 1959

1 — Comemora o seu jubileu de Prata de ordenação, o reverendo Pastor Lauss, da comunidade evangélica do bairro de Itoupava Sêca, paróquia de Blumenau. Por iniciativa deste estimado sacerdote, foi construído o magnífico templo novo, no bairro da Velha, como também vem dirigindo as obras de construção da majestosa e moderna igreja de Itoupava Sêca.

2 — Assume o Sr. Dr. Arnaldo Xavier as funções de delegado regional de Polícia, substituindo no cargo o major Celino Camargo Pires.

3 — Publicam os jornais que, em consequência do novo salário mínimo, mais de uma centena de operários foram dispensados dos serviços e indenizados, visto algumas firmas da nossa cidade não suportarem o pesado onus.

7 — No decorrer de alguns dias, atinge a mil o número dos desempregados.

9 — Chega à nossa cidade o Sr. Ministro José Ferraz, do Tribunal de Contas de São Paulo, em companhia do sr. Orlando Costa Meira. O Sr. Prefeito Municipal oferece um almoço, no Restaurante Socher, ao qual comparecem, além dos homenageados, autoridades civis e representantes da imprensa. O ilustre visitante, que pretendia fazer, a Blumenau, apenas uma visita de passagem, indo hospedar-se no Hotel Oasis, Rio do Testo, gostou da nossa cidade, passando o dia visitando o seu comércio e pontos pitorescos.

14 — Encontra-se, nesta cidade, o Sr. Roberto de Oliveira, presidente da COAP, reunindo-se sob a sua presidência a Comissão Municipal de Prêços, para reorganização da COMAP. Na manhã do mesmo dia, S. S. assistiu, também, à reunião do Sindicato de Fiação e Tecelagem, onde prestou esclarecimentos sobre as medidas a serem adotadas pela COMAP.

16 — Em homenagem, justa e merecida, é entregue ao Dr. Marcílio João da Silva Medeiros, Meritíssimo Juiz de Direito da 1.ª Vara da nossa comarca, o título de "Cidadão Blumenauense" pela Câmara Municipal. A saudação, ao ilustre homenageado, é feita pelo vereador Sr. Wadislau Constansky, autor da proposição da instituição do título. O primeiro secretário da Mesa procede à leitura do decreto que outorgou a honrosa distinção ao Dr. Marcílio. A entrega do título é realizada pelo Presidente do Legislativo Municipal, à senhora do homenageado, que o passa às mãos de seu espôso. Em eloquente discurso, o Dr. Marcílio Medeiros agradece, sensibilizado, a homenagem. Após a cerimônia, o Sr. Prefeito Municipal oferece um coquetel no Salão Nobre da Prefeitura.

21 — Efetua-se a emancipação do Rio do Testo, até então distrito do município de Blumenau, que passa a denominar-se "Município de Pomerode". O ato é assistido por autoridades administrativas, estaduais e municipais, além do Senador, eleito por Santa Catarina a 3-X-58, Sr. Irineu Bornhausen. O ato é presidido pelo Dr. Marellio Medeiros, juiz de Direito da 1.ª Vara da nossa comarca, à qual continua pertencendo o nóvel município.

22 — Visitam Blumenau mais de 300 farmacêuticos de todo o país, convencionais do XI Congresso Nacional de Farmacêuticos, realizado nos últimos dias em Florianópolis. O presidente de honra do mencionado Congresso, Dr. José de Oliveira Dias, oferece aos congressistas um banquete no Teatro Carlos Gomes, do qual participam as autoridades locais, civis, militares e eclesiásticas, além do Presidente da Sociedade dos Amigos de Blumenau, representantes da imprensa etc. Os visitantes percorrem a cidade e realizam visitas ao seu parque industrial. Encontra-se

nesta cidade, acompanhado de sua Exma. Expôsa, o Dr. J. Gustavo Paiva, catedrático da Universidade de São Paulo, que veio para realizar uma conferência, sob os auspícios da Associação Odontológica de Blumenau.

23 — Data do 20.º aniversário do 23.º R. I., aquartelado na nossa cidade, é comemorada festivamente com a presença das autoridades civis e religiosas e representantes de imprensa e rádio, e de entidades de classe. Realizam-se atos militares, tais como compromisso de recrutas, desfile da guarnição perante a Bandeira, entrega de taças e medalhas etc. A noite há uma festa íntima no Tabajara Tênis Clube, da qual participa a oficialidade e convidados especiais.

24 e 26 — A população da cidade se comove com a dor e aflição que abala o casal Heinz e Renata Talmann, com o desaparecimento de seu filhinho de 3 anos de idade, Gerd Harro, cujo corpo, dias após, é encontrado no Itajai-Açu, perto de Belchior.

25 — Na praia "Atalaia", perto de Itajai, perece afogado o blumenauense Sr. Max Edgar Scheffer, funcionário da matriz da firma Samarco S/A. (Itajai) após ter dirigido o salvamento de três pessoas, que se achavam em perigo, no mar agitado, às 9 horas da noite.

21 a 25 — Na data natalícia do Sr. Prefeito Municipal, os funcionários lhe oferecem pequena recordação e corbeille de flores, falando, em nome de todos, o oficial de gabinete, Sr. Adriano Curi. No domingo seguinte (25-I), no bairro

do Garcia, é oferecido ao governador da cidade uma festa íntima dos moradores, ainda em regozijo à efeméride natalícia.

27 — É realizada uma reunião, no C. N. América, para assentar normas para a campanha pró-restauração da biblioteca forense Dr. Amadeu Luz, parcialmente destruída no incêndio, ocorrido no prédio da Prefeitura Municipal, em novembro do ano passado. A reunião compareceu grande número de advogados e pessoas interessadas, e o plano em questão é elaborado a contento de todos.

28 — Inaugura-se o posto de abastecimento do SAPS nesta cidade, realizando-se, assim, uma aspiração da população local, de longa data. Após poucos dias aparecem na imprensa local sugestões para tornar mais eficiente este serviço de abastecimento, cujo armazém foi estabelecido à rua Itajai, propondo a instalação de um grande armazém central, ou pequenos postos nos bairros, já que o atual não pôde atender a todos os interessados.

Encerra a Câmara Municipal (1954/1958) o seu período legislativo. Nesta reunião é aprovado o novo regimento interno daquela casa.

29 — A firma "Cia. Schrader", concessionária da "Mercedes Benz", lança o primeiro ônibus desta marca, de fabricação brasileira, oferecendo, em regozijo ao acontecimento, uma churrascada no Tabajara Tênis Clube, às autoridades locais e imprensa escrita e falada, com exibição de filmes das fábricas Mercedes Benz.

---

**D**ATA de 26 de maio de 1878 a fundação da Colônia Urussanga, no Sul do Estado, com a chegada ao vale do rio dêsse nome, na confluência do rio América, dos primeiros colonos italianos de Longarone, província de Beluno e que vieram para o Brasil no navio francês "São Martinho". Os engenheiros Emílio Odebrecht e Teodoro Kleine, da colônia Blumenau, foram eficientes auxiliares do fundador de Urussanga, o engenheiro Vieira Ferreira.



**M**ANOEL Joaquim d'Almeida Coelho, major, prestou juramento e entrou no exercício do cargo de secretário da Câmara municipal de Destêrro, em 16 de maio de 1849. Aposentou-se nêsse pôsto em dezembro de 1864. Almeida Coelho escreveu a "Memória histórica" sôbre a província de S. Catarina.

NOTÍCIAS  
de  
**BRUSQUE E NOVA TRENTO**

isto é das Colônias  
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO  
na Província de Santa Catarina  
IMPÉRIO DO BRASIL

por

D. Arcângelo Ganarini



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

*Traduzidas do Italiano*

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



( CONTINUAÇÃO )

**CLIMA**

Como todos sabem, o Brasil conta dois climas, o tropical e o temperado, de acôrdo com a situação geográfica. O primeiro, quente e húmido na estação das chuvas, tornando-se temperado e sêco fóra desta. Tôdas as nascentes do grande Amazonas além de se encontrarem debaixo do equador, gozam de um clima delicado, amenizado como é pelos ventos que constantemente sopram do mar para terra por milhares de quilômetros.

Quem teve a felicidade de visitar aquelas paragens, afirma que a variedade e vigor prodigiosos da vegetação que ali se encontra, não sofre comparação com outra qualquer região. Nos paizes da zona temperada o clima é suave, e quanto mais se caminha para o sul mais se acentua o inverno. Deve-se notar porém que em igual grau de latitude neste hemisfério corresponde menor grau de calor do que no hemisfério setentrional.

A temperatura média anual de Nova Trento é de 17 ° Reaumur, enquanto a máxima observada nos três últimos anos alcança 29 ° e a mínima a meio grau acima do zero.

Ordinariamente nos mêzes de dezembro, janeiro, fevereiro o termômetro marca depois do meio dia 24° a 25°, enquanto que de junho a agôsto pela manhã oscila entre 8° e 13°.

É esta uma temperatura tão agradável e sêca, especialmente nos lugares bem arejados a tornar o inverno destas colonias a estação mais bela do ano.

Algumas vêzes o termômetro, em consequência dos ventos que sopram do sul ou de temporais, desce quase a zero, mas é coisa passageira de algumas manhãs, e logo após o clima volta ao acostumado estado. Nesses abaixamentos de temperatura que costumam acontecer dos meados de maio aos de setembro, ocorrem belas geadas que, prolongadas e fortes acarretam danos consideráveis às pastagens, ao café, à mandioca e às plantações de bananeiras. A primavera e o outono são temperados com alguns dias caniculares. O calor do estio é atenuado pelas brisas marinhas, que de acôrdo com a exposição dos lugares vêm trazendo sua frescura. As noites, mesmo nos dias dos maiores calores, são frescas, como as que se

gozam em os nossos Alpes em julho e agosto.

Seria inacreditável, se os fatos não o demonstrassem, que na província de Santa Catarina em somente 27.º de latitude meridional, por isso mais vizinha do equador do que o Egito, se goze de um clima tão suave de apresentar somente uma média de 17.º quando o Egito o é de 24.º; e enquanto no verão se possa ter quando muito uma média de 20.º, encontro para o Egito 25.º.

De qualquer maneira, levando-se em conta as bruscas mudanças, para o que se aconselha vestir sempre em tôdas as estações uma flanela de lâ muito justa, mesmo assim a oscilação termométrica anual não ultrapassa 26.º, enquanto entre nós é mais de 30.º cada ano; pelo que a priori já se deva concluir da salubridade dêste clima.

Um clima tão temperado, afastado dos grandes frios e dos grandes calores, é assaz propício à saúde, e médicos que conhecem o Brasil não encontram óbices para certas moléstias do peito em aconselhar aos seus clientes uma estadia mais ou menos longa nestas paragens. Os missionários, que mais que qualquer outra classe de pessoas conhecem os climas das diversas regiões do mundo, quando alguns dos seus sofre do peito, podendo, enviam-no ao Brasil, e, se é a tempo, sempre com bom resultado.

Com exceção das margens de alguns rios e de lugares baixos e paludosos, onde em algumas estações do ano aparecem febres intermitentes, o clima desta província é muito saudável, e em vão se procurem certas moléstias agudas, que aparecem em nosso país no inverno. As pessoas idosas especialmente, sujeitas a reumatismos, e a marasmos, aqui parecem rejuvenescer. A única coisa de que se lamentam é, no geral, de não terem mais as forças que tinham em sua terra; e é natural, que o clima quente enfraqueça, enquanto o inverno enrija. As moléstias mais comuns nestas colônias são febres, o chamado **mal-da-terra**, anemia, chagas nos membros inferiores, supuração da cutis mais ou menos geral, alguma febre nervosa. Algumas vêzes aparece a va-

riola que ataca de preferência os brasileiros e negros, como se observou neste ano, ficando quasi todos os nossos colonos imunes. A febre amarela até agora só se limita aos portos, deixando em paz os povoados do interior.

## CHUVAS

As chuvas começam em Novembro e vão até fins de Maio, variando um pouco êstes limites segundo as localidades. Chove muito do rio Amazonas até o Parnahyba, pouco dêste ao rio S. Francisco, e mais dêste até ao sul. A imensa bacia dêsse rio, que compreende as regiões chamadas pelos habitantes **sertão**, está sujeita a duas estações: uma das chuvas de Janeiro a Maio, e a outra de sêca pelo resto do ano. Em Junho cessa inteiramente a vegetação e as sementes amadurecem, e em Julho amarelam as fôlhas e começam a cair. Em Agosto milhares de quilômetros de superfície apresentam o aspeto do inverno europeu, com exceção da neve. As gramíneas e outras ervas rasteiras, que crescem com prodigiosa abundância, secam e servem como feno de pasto a numerosas manadas de animais. É esta a estação mais favorável à preparação do café que se cultiva nos môrros. Faz-se a colheita, entende-se sôbre o árido solo, que lhe absorve a umidade, enquanto o vento sêco concorre a acelerar êste processo, não lhe deixando tempo para fermentar.

Entre Dezembro e Janeiro começam as chuvas, e os rios até então quasi secos se entumecem rapidamente e despertando a vida em a natureza morta. Em poucos dias aqueles áridos rincões se transformam e se reanimam, e como por encanto se recobrem de verdura, de flôres e de plantas alimentícias, que as solertes mãos humanas acabam de plantar.

Pobres daquelas regiões que se lhes falta a propícia chuva; um ano inteiro de sol abraçador a calcina, sêca os rios, tosta as selvas, as pastagens, as plantações; fogem os pássaros, os animais; o gado pouco produz; nasce a carestia, e com esta, as epidemias nas populações, que começam a emigrar para o litoral.

Tivemos um terrível exemplo nos três anos passados, em que faltaram as chuvas. Províncias inteiras foram quasi totalmente abandonadas, e apesar dos muitos milhões dispendidos pelo governo e dos auxílios das beneficências privadas, aquelas populações fugitivas diante do flagelo foram dizimadas parte pela fome e parte pelas moléstias de caráter maligno e contagioso. São pungentes as situações daquelas caravanas de gente que acabrunhada e macilenta abandona sua pátria, deixando as estradas semeadas de mortos e moribundos. Parece incrível que em tanta apertura se tenha desviado para as eleições o dinheiro do governo destinado aos famintos. É esta uma mancha que os conservadores lançam sobre alguns empregados do governo liebral, e da qual até agora não se penitenciaram diante da consciência do povo.

A mandioca, que se pagava de 7 a 9 francos ao sacco, na Bahia era vendida a 20 e no interior quasi a 40 francos.

Neste ano apareceram as chuvas e os sobreviventes estão voltando às suas atividades, as quais começam a reanimar-se.

Amédia das chuvas que caem nas costas do Brasil é de dois metros, alcançando em alguns lugares perto do equador, como em Pernambuco, até 2,600 ms.

Nestas colônias as chuvas seguem geralmente a estação geral, abundando de Dezembro a Junho, e escasseando no resto do ano. No ano passado de meados de Maio e todo Setembro tivemos só 78m/m de chuvas, enquanto no resto do ano superou um metro. Comumente a chuva supera anualmente 1,5 metros. No verão, durante semanas inteiras, pela tarde, desabam aguaceiros acompanhados de relâmpagos e trovões fragorosos acompanhados algumas vezes de granizo que se o suporta bem o milho, destroça e esmaga as plantações de mandioca, aipim e tabaco, e causa estragos às matas de onde parte um estridor, um atritar, um crepitar de frondes e de ramos, que se torcem e lascam com a fúria da ventania.

Aqui é raro haver chuvas continuadas, sem interrupção, como entre nós em algumas estações do ano em que durante semanas inteiras mantêm-se diluviais. É raro haver dois dias de chuvas seguidas, e mesmo na estação nimbosa dá-se sempre alguma estiada.

Os rios entumecem com facilidade, mas logo se escôam não existindo em nossas montanhas neves para alimentá-los. O barômetro assinala com regularidade as mudanças de tempo, e especialmente o vento com as suas repentinas baixas às vezes de 18 a 20m/m.

No inverno se mantém usalmente mais alto do que no estio, por causa dos vapores que se formam em minima quantidade sob um clima mais fresco. Para quem tem um pouco de prática, com um barômetro aneróide perfeito, pode arriscar-se algumas vezes desempenhar o papel de profeta com êxito satisfatório. Especialmente para quem tem que fazer uma viagem é sempre bom consultá-lo, a fim de evitar quanto possível banhos involuntários.

Antes de passar a falar alguma coisa sobre os produtos produzidos pelos terrenos nestas colônias é mesmo necessário lançar um rápido olhar às riquezas naturais deste país. Na nossa terra, em que no estio e outono bandos de caçadores e de alpinistas e amadores de história natural são frequentemente encontrados, poder-se-ia franzir o nariz e olhar com desprezo para um país que nada dispõe para satisfazer seu inocente deleite. No entanto, auxiliado por um livro (O Brasil na Exposição de Philadelphia), irei referindo resumidamente o que existe de mais conhecido nestas colônias, evitando as feiras de nomes técnicos, que embora sejam do agrado dos versados nesse ramo de estudos são sempre enfadonhos àqueles que não entendam do riscado.

(Continua)

# **TRANSPORTADORA BLUMENAUENSE S/A**

Matriz : **BLUMENAU**

RUA 7 DE SETEMBRO, 1596

FONES: 1410 e 1660

Telegramas : " C A R G A "

## **DEPÓSITO EM JOINVILLE**

Avenida Procópio Gomes, 448

Fone : 301

Telegramas : " C A R G A "

## **DEPÓSITO EM SÃO PAULO**

Alameda Barão de Piracicaba, 188-196

Fones: 52-2462 e 52-0892

Telegramas : " C A R G A "

**TRANSPORTE DE CARGAS E ENCOMENDAS**

**entre**

**SÃO PAULO E SANTA CATARINA**

**e vice-versa**



# **AUTO MECÂNICA**

## **ALFREDO BREITKOPF S/A**

Rua 15 de novembro n.º 44 — Fones: 1650 e 1725

Caixa postal,343

Telegramas: AMABSA

**BLUMENAU** —:— **S. CATARINA**



### **CONCESSIONÁRIOS**

de

D.K.W. — VEMAG — e SCANIA-VABIS  
Peças para D.K.W. — CITROËN — INTERNATIONAL  
FORD — CHEVROLET — SCANIA-VABIS — DODGE  
PNEUS DE TÓDAS AS MARCAS — BATERIAS  
OFICINA PERFEITAMENTE APARELHADA.

**BRUSQUE, O BERÇO DA FIAÇÃO  
CATARINENSE, FESTEJARÁ, EM  
AGOSTO DE 1960, O PRIMEIRO CEN-  
TENÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO.**

**VISITE AQUELA CIDADE E COM-  
PAREÇA ÀS SOLENIDADES COME-  
MORATIVAS.**

**“Blumenau em Cadernos”**

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES  
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) . . . . . Cr\$ 100,00

Número avulso . . . . . Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a  
Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA